



SOM

POR ALEXANDRE RAFAEL GARCIA



e

FÚRIA



TEEN MOVIES

Afinal o que seriam *teen movies*? Filmes feitos para jovens? Filmes de temáticas jovens? Filmes cujos protagonistas são jovens?

E, mais ainda, o que seria essa tal juventude? Crianças? Adolescentes? Jovens adultos? Difícil dizer, se cada vez mais em nossa sociedade a juventude parece adiar a vida adulta.

Nichos de filmes são criados e fortalecidos constantemente. Filmes *de e para* jovens são um nicho comprovado, mas, se formos abordar a questão de um segmento específico, estaremos falando de um oportunismo reiterado (fazer filmes para nichos). As grandes obras artísticas não são feitas por demandas sociais, mas sim por demandas sentimentais dos seus realizadores. E muitas vezes a necessidade é falar sobre um período específico da vida. Muitas vezes, fazem-se grandes filmes sobre jovens porque se é jovem. Em outras, para alimentar suas fantasias, ou ainda para espantar seus demônios. Mas, dificilmente se cria grandes obras para atender uma urgência social (ou comercial), como conscientizar a garotada da importância do uso se preservativo sexual. *Picardias Studentis (Fast Times at Ridgemont High, 1982)* é muito mais elucidativo sobre a questão do que qualquer campanha do Ministério da Educação, por exemplo.

Enfim, todos esses conceitos são questionáveis. A juventude, assim como a infância, são invenções modernas. A partir do momento que nomeamos algo, esse algo passa a existir. O cinema também é uma invenção moderna, logo, ainda temos um longo caminho a percorrer.

Para não deixar dúvidas, assumimos que “filmes jovens” são esses filmes que tratam

de questões da juventude. Obviamente, esses filmes são protagonizados por jovens, e não por adultos e velhos falando com saudosismo da sua juventude. Filmes saudosistas pertencem a outro nicho, bastante diferente.

SOM E FÚRIA

De Bruit et de Fureur (1988), é um filme francês dirigido por Jean-Claude Brisseau e lançado nos cinemas em 1988. Sem título oficial no Brasil, já foi exibido por aqui com o título *De Barulho e de Fúria* e como *Som e Fúria*. Este último é o que usamos aqui.

No festival de Cannes do mesmo ano, ganhou o “prêmio especial da juventude”. Podemos acreditar que tenha sido um filme escolhido por um “júri jovem” tanto quanto foi um filme que impactou por seu agressivo retrato da juventude daqueles anos.

Som e Fúria é o segundo longa-metragem de Brisseau, que em 1983 havia lançado *Um Jogo Brutal (Un Jeu Brutal)*. Até os dias de hoje, o diretor continua produzindo seus filmes, mas com certa inconstância. Este fato também confirma sua posição como uma espécie de artista “maldito”, por sua radicalidade estética, a sua difícil catalogação e, conseqüentemente, as suas dificuldades de produção. Ele não é um cineasta que facilita para o circuito de cinema de arte e muito menos para o circuito comercial. Brisseau é herdeiro tanto dos textos clássicos (teatro e literatura) quanto do cinema moderno francês da década de 1960 – da *nouvelle vague* e Éric Rohmer, principalmente. Brisseau une uma abordagem estética realista do cinema (Rohmer) com referências clássicas do teatro (Shakespeare), da literatura (Victor Hugo) e ainda digressões metafísicas (cosmologia, Kant) e sexuais. Portanto, não há uma tendência fácil em que ele possa ser inscrito hoje.

Som e Fúria é o epicentro desse seu cinema histórico. Junto às suas obsessões e referências artísticas, Brisseau insere uma temática social urgente na França de 1988. Esta temática é constante até – ou principalmente – hoje em nosso Brasil: a desilusão, a mediocridade e a violência de uma juventude que se vê provida de subsistência, mas sem maiores perspectivas de sair do lugar-comum. Uma população suprida de assistência social, mas não educada para transcender sua própria realidade.

O filme também possui uma clara ligação com *Os Incompreendidos* (*Les 400 Coups*, 1959), de François Truffaut, e *Infância Nua* (*L'Enfance Nue*, 1968), de Maurice Pialat. Os três juntos formam uma espécie de trilogia que retrata a infância e juventude francesas vivendo miseravelmente na segunda metade do século XX.

UM SONHO DE LIBERDADE?

Como em um drama clássico, o protagonista de *Som e Fúria*, Bruno (Vincent Gaspertsch), de 13 anos, vive preso em seu mundo hostil, mas sonha com a transcendência desse plano físico. Ele cuida de um pequeno pássaro, que ganhou de um colega que se suicidou. O pássaro está em cena, aos cuidados de Bruno, e motiva algumas de suas ações, mas Brisseau não promove discussões a respeito da simbologia. Qualquer análise psicológica (e simbólica) recai ao espectador, pois Brisseau é um encenador de gestos e ações físicas. Os seus personagens partem de pulsões sentimentais (paixão, medo, ciúme, raiva) e materializam as em ações concretas.

Há uma mulher que surge magicamente para Bruno (nos créditos ela é denominada “Aparição”). Inicialmente ela se apresenta nua, ostentando uma águia em seus ombros.

Bruno se aproxima dela, inebriado, toca seu corpo, e quando leva sua mão até o meio das pernas da mulher, é atacado pela águia. Nas sequências seguintes o rosto de Bruno ostenta a marca da agressão.

Este estranhamento entre plano físico e onírico atormenta *Som e Fúria*. Ele é inicialmente um filme preso à realidade, com uma encenação bastante objetiva que, de repente, apresenta uma sequência fantástica. Esta fratura nos impediria de encarar o filme como “realista”, mas, o que Brisseau parece nos dizer é justamente o contrário: quem disse que a realidade é cartesiana e compreensível de forma racional? Não temos acesso às emoções de Bruno, que se mostra um ser tão puro e que é levado aos fatos pelas pessoas que se relacionam com ele – a sua professora, seu amigo Jean-Roger e a Aparição. Assim, não há justificativas óbvias para ninguém.

Apesar de Brisseau manifestar abertamente seu interesse por psicanálise (como mostrado em *À L'aventure*, de 2008), o que ressalta em seus filmes são os gestos de seus personagens. Eles são julgados, condenados e absolvidos por aquilo que fazem, e não por aquilo que supostamente poderiam desejar. A figura de Bruno é a mais trágica de seu cinema porque é um ser ingênuo e que está à mercê do seu meio. É uma criança, afinal de contas, e que poderia tanto ser educada (se não pela mãe ausente, pela professora) quanto destruída (por Jean-Roger e pelo ambiente degradante). O destino de Bruno é trágico. Afinal, *Som e Fúria*, apesar de ser revestido com uma roupagem moderna, é uma tragédia clássica. Não há escapatória para nossos heróis.



JEAN-CLAUDE BRISSEAU

A REALIDADE

Primeiros planos do filme. Uma criança (Bruno) chega em uma estação de trem, sozinha e carregando uma mala e uma gaiola. Ela confere um mapa feito à mão e na sequência chega em um complexo residencial popular, de diversos apartamentos conjugados e sem muito interesse arquitetônico ao redor. O centro da cidade, veremos em planos seguintes, é uma imagem no horizonte desses moradores. Ele entra na casa da mãe, que não está presente, mas que telefona para ele e deseja boas-vindas. Em um só plano e com pequenos movimentos laterais, Brisseau apresenta o cômodo principal do pequeno apartamento, mostra Bruno falando ao telefone e Bruno observando outro corredor do imóvel, com uma mulher de aspecto misterioso. Em menos de seis minutos, o filme passa de uma encenação realista para a fantasia (onírica? Alegórica?). Um novo plano de detalhe da gaiola, sem ver-se o pássaro que Bruno trouxe. Outro plano: a câmera move-se frontalmente pelo corredor, como um *travelling in*, supondo um plano ponto de vista do menino, mas que se revela um movimento autônomo, porque ao fim do corredor ela enquadra o quarto à direita e revela Bruno interagindo com a mulher misteriosa, que passa a mão nos cabelos do garoto.

No plano seguinte, a mulher já está nua sobre a cama. Ela chama Bruno, que se aproxima em um plano geral e ambos se beijam (Bruno de costas para a câmera). No plano detalhe do corpo da mulher, a mão

de Bruno a acaricia, começando pelos seios, percorrendo a barriga e seguindo sua cintura, chegando nas coxas. Quando vai subir sua mão, há um plano da águia alçando voo e outro dela atacando Bruno.

Duas questões extraordinárias na cena:

1) Seu caráter onírico em meio ao filme todo de aparência realista. Essa sequência vai atormentar o espectador por sua recorrência (em pequenas inserções da mulher nua) e por sua forte tensão sexual. O sexo, como a violência, são questões centrais no filme.

2) O choque entre a infância e a sensualidade da cena. O ator que interpreta Bruno evidencia ser uma criança em torno dos seus 13 anos. Ele realmente se aproxima da mulher nua e eles aparentemente se beijam. No plano seguinte, vemos apenas a mão de Bruno acariciando o corpo nu da mulher. Um dublê de mão pode ter sido usado (apesar de a mão aparentar delicadeza crível à idade do protagonista). Mas, a simples sugestão – um garoto de 13 anos acariciando sexualmente uma mulher adulta – é impressionante por si só e extraordinária em nossa sociedade conservadora. É também uma imagem que não existe no cinema tradicional e conservador.



O filme se mostra notável também por colocar em cena diversas ações que em outras obras seriam camufladas para preservar os atores e o espectador. O personagem de Jean-Roger, o amigo, é quem capitaneia essas sequências radicais, como quando atea fogo em tapetes, acende e arremessa coquetéis *molotovs*. Em qualquer espécie de registro, é chocante associar as figuras da infância com tamanha rebeldia e violência. E Brisseau trata de encenar isso em planos únicos sempre que possível – pois, como ensinou André Bazin, o espectador sente a genuinidade dos fatos quando apresentados sem trucagens (“o ator realmente fez isso!”).

Ao mesmo tempo, Brisseau ressalta esses fascínios humanos que são ainda mais latentes na juventude – o fogo, a violência, a rebeldia e o sexo. Se nós adultos lutamos diariamente para conciliarmos essas obsessões e vivermos em harmonia social, o que dizer de jovens desprovidos de maiores preocupações coletivas? Jean-Roger é o símbolo do niilismo e da impulsividade. Seu personagem é dos mais explosivos e sinceros da história do cinema.

O grande pecado de Jean-Roger, enfim, é o seu ciúme. Ciúme do irmão mais velho, que tem o carinho do pai e uma bela namorada, e ciúme de Bruno, que é bondoso e recebe a atenção da professora dedicada. A mediocridade imperante no lugar o impele a destruir tudo aquilo que não tem. Não mata a professora nem a namorada do irmão, mas fuzila seu pai e o pássaro de Bruno. Poderia ser um sinal de sua autonomia, mas é simplesmente um gesto de inveja e rancor.

A FICÇÃO

A ficção é mais eloquente do que a realidade. Brisseau assume esta máxima, parte do seu registro realista sobre fatos socialmente aceitos e lança mão de uma narrativa que nada mais é que fantasiosa.

No quarto de Jean-Roger há pôsteres de Charles Bronson, Sylvester Stallone e Harrison Ford como Indiana Jones. Brisseau não economiza nas referências ao teatro e à literatura clássicos, de Shakespeare a Jacques Prévert. Apesar de nos mostrar um ambiente inicialmente real (aquele ambiente existe, sabemos), rapidamente somos transferidos ao campo da ficção, onde o absurdo e o improvável podem ser aceitos.

Bruno Cremer, que interpreta o pai de Jean-Roger, personifica o gesto ficcional. Ele é um sujeito corpulento e agressivo, que pratica tiro ao alvo dentro da própria casa. Tal comportamento seria questionado como “inverossímil” em filmes de Hollywood. Mas, aqui, tratado com seriedade em uma encenação realista, é aceito, mesmo que visto como “excêntrico”.

Cremer atua como os grandes atores da Hollywood clássica, se mostrando uma reencarnação de Robert Mitchum ou Humphrey Bogart. Seus modos parecem grosseiros e seu corpo derruba tudo que encontra pela frente, mas seu carisma é igualmente devastador. O ator revela grande inteligência e sensibilidade em conferir tanto poder físico quanto emocional ao seu personagem.

Som e Fúria não só não se conforma ao registro de não intervenção, como tem ambições muito maiores. É uma obra de grandes pretensões, que não teme dar passos enormes. Com segurança, atira para diversos lados, acerta alguns alvos, erra outros, e derruba o espectador, assim como estremece os alicerces de diversas instituições sociais.

“Não podemos expulsá-lo, porque a educação é obrigatória até os 16 anos. Infelizmente, não sou eu quem faz as leis”, se lamenta o diretor da escola, horrorizado com o comportamento de Jean-Roger.

O outro lado da moeda, o pai do aluno problemático, decreta, com uma enorme faixa, “morte à assistente social!”.

Som e Fúria é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.